

COMENTÁRIO

Sandro Sena¹

Referência do texto comentado: PERIÑÁN, Juan José Garrido. Caminos y esbozos para una apertura fenomenológica del horizonte mismidad desde la constitución del mundo en ser y tiempo de Heidegger. **Trans/Form/Ação**: revista de filosofia da Unesp, vol. 43, Número Especial, p. 269-294, 2020.

Com grande satisfação, recebo pela primeira vez o convite para escrever um texto científico – por natureza, texto dirigido a todos e a todas –, tendo em vista *alguém*. Um ente, assim propôs Heidegger, que *pode*, em seu *ser*, ser o ente quem *ele mesmo* é, um ente que pode ser *si-mesmo*. Por um feliz acaso, as condições criadas por *vós-mesmos*, editoras e editores de TRANS/FORM/AÇÃO, para esse diálogo, não poderiam ser mais favoráveis, posto ser justamente o fenômeno existencial da *mismidad*, o tema filosófico ao qual *tu-mesmo*, Prof. Juan Periñán, dedicaas tuas reflexões na contribuição acima publicada, para proveito dos estudiosos e estudiosas da fenomenologia – *nós-mesmos*. O que significa esse “mesmo”? Para qual direção se deve voltar o olhar fenomenológico, de modo a ver e conceber o seu ser e estrutura ontológica? Em qual campo fenomenal reluz primariamente a *mismidad* do ser-aí?

Para a última questão, o título “Caminos y esbozos para una apertura fenomenológica del horizonte mismidad desde la constitución ontológica del mundo en *Ser y Tiempo*” apresenta uma resposta que será cuidadosamente elaborada, ao longo do escrito, através de reconstruções rigorosas das análises heideggerianas do momento estrutural “mundo” – em especial do acoplamento

¹ Docente da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Departamento de Filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas.  <https://orcid.org/0000-0002-2119-7741>. E-mail: sandrosena@gmail.com.

<http://dx.doi.org/10.1590/0101-3173.2020.v43esp.21.p295>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

entre *respectividade* (*Bewandtnis*) e *significância* (*Bedeutsamkeit*) –, pertencente à estrutura unitária e total formalmente indicada em *Ser e tempo*, com a expressão “ser-no-mundo”. Não seria preciso esperar o pensador traduzi-la posteriormente como a unidade de *existencialidade* (ser-se-adiante), *faticidade* (já-ser-em) e *caída* (ser-junto-a), isto é, o próprio ser do ser-aí enquanto *Cuidado* (*Sorge*), para que a *mismidad* mostre a sua face; essa já aparece na descoberta do existencial *mundanidade*, preparada com grande agudeza metodológica por uma análise do simples uso cotidiano de entes intramundanos utensiliares,

[...] pues lo que afirma Heidegger, ni más ni menos, es que el complejo de fines del para-algo ha de remitir, como suelo fundante, a la experiencia propia, y genuina, del *Dasein*, a lo que éste es: *experiencia de sí mismo*. El útil es útil si y solo si remite a la experiencia propia del *Dasein*, [um ente não caracterizado ontologicamente por dizer-respeito-a outro ente, mas por ser por-mor-de si.] (PERIÑÁN, 2020, p. 14).

A correção de tuas análises, Prof. Juan Periñán, é manifesta. E precisamente por isso, fez entrar no meu horizonte de questionamento sobre a arquitetura da analítica existencial do *Dasein*, o sentido de *negatividade* do si-mesmo impessoal, tal como estabelecido, ademais, “de un modo bastante abstracto-formal, en las derivaciones en torno a la “[...] impropiedad/ propiedad” [*Uneigentlichkeit/Eigentlichkeit*] del existir.” (PERIÑÁN, 2020, p. 2) Que a constatação desse caráter negativo não pareça ser coisa de somenos, em tuas reflexões, mostra o anúncio de que moverás as análises numa direção “[...] en contra de los propios análisis heideggerianos sobre el uno (§§. 25-27)” (PERIÑÁN, 2020, p. 1), o que interpreto da seguinte maneira: a favor de estabelecer *positivamente* o si-mesmo, em seu modo possível de *Man-selbst*, existência imprópria.

Avanço, pois, o presente comentário, com um esboço de determinação do sentido da negatividade e possível positividade do si-mesmo, bem como do fundamento dessas possibilidades e da sua divisão. Para isso, articulo de maneira breve a distinção entre três conceitos, os quais se encontram espalhados e analisados segundo diferentes perspectivas e interesses, por toda a fase ontológico-fundamental do pensamento heideggeriano, a qual se estende para além do tratado *Ser e tempo*, mas que surgem convenientemente reunidos numa passagem da preleção *Einleitung in die Philosophie*, de 1928/1929:

Esse ser-por-mor-de-si (*Umwillen-seiner*) constitui si-mesmo (*Selbst*) como tal. A simesmidade (*Selbtheit*), enquanto determinação ontológica do ser-aí, não consiste primariamente apenas numa consciência que esse ente tem de si; a auto-consciência, enquanto reflexão, é sempre e somente uma consequência da simesmidade, mais precisamente: no por-mor-de-si, o ente que chamamos ser-aí é de tal forma revelado, que ele sempre é posto diante de seu poder-ser mais próprio e frente a ele deve se decidir o que pode o seu ser mais próprio no tocante as possibilidades que lhe pertencem essencialmente: ser-com com outro (*Mitsein mit Anderen*), ser-junto ao ente simplesmente dado (*Sein bei Vorhandenen*) e ser-si-mesmo (*Selbstsein*). (HEIDEGGER, 2001, p. 324)

O termo *Selbst*, si-mesmo, é um conceito ôntico, indicando esse ente que o ser-aí mesmo é. O termo *Selbstsein*, ser-si-mesmo, é um conceito ontológico, realçando uma *possibilidade existencial*. O termo *Selbtheit*, simesmidade, é também um conceito ontológico, todavia, no uso que dele faz Heidegger, não parece ser indicada uma possibilidade existencial da mesma forma que os termos “ser-si-mesmo”, “ser-com”, “ser-junto-a” e tantos outros, porém, um caráter do modo de ser existência em geral: “por-mor-de” – “A existência do ser-aí é determinada através do por-mor-de. É característico do ser-aí que, para esse ente, em seu ser, esse próprio ser esteja em jogo num determinado modo. O ser e poder-ser do ser-aí é aquilo por-mor-de que ele existe” (HEIDEGGER, 1978, p. 239).

Aquelas possibilidades essenciais, por-mor-das quais o ser-aí é – *Selbstsein*, *Mitsein*, *Sein-bei* – são poderes ontológicos, para os quais o ser-aí há de transcender (e já sempre transcendeu) num projeto de compreensão (e já sempre compreendeu), para assim sê-los. “O ser-aí ultrapassa o ente de tal modo que, pela primeira vez nessa ultrapassagem ele se comporta com o ente e, assim, ele também se comporta pela primeira vez consigo enquanto ente, ou seja, ele próprio pode ser um si-mesmo.” (HEIDEGGER, 2001, p. 306) Em resumo: enquanto simesmidade diz o mesmo que transcendência, compreensão, ser-si-mesmo diz uma possibilidade transcendental em sentido puramente existencial.

Da mesma maneira que ser-com outro e ser-junto-à coisa, ser-si-mesmo (*Selbstsein*) é um poder-ser aberto no modo da compreensão, por-mor-do qual o ser-aí existe (*Selbtheit*) e para o qual se projeta, para ser o ente quem ele mesmo é, ou seja, para ser um si-mesmo (*Selbst*). E como tudo o que o ser-aí é como poder-ser, ser-si-mesmo é uma possibilidade sua. Sendo

e tendo de ser sua possibilidade ontológica de ser-si-mesmo, ele sempre “foi”, “é” e “será” enquanto esse si-mesmo ou própria ou impropriamente: “Ambos os modos de ser, propriedade e impropriedade [...] se fundam nisto: que o ser-ai é determinado por ser-sempre-meu (*Jemeinigkeit*).” (HEIDEGGER, 1967, p. 42-43).

Caracterizado ontologicamente por ser-por-mor-de e por ser-meu, o ente que pode, em seu ser, ser um *Selbst*, não encontrará nesse ser fundamento algum para ser como esse ente, quem ele mesmo é. Para ser-si-mesmo (bem como para ser qualquer um dos seus poderes existenciais) não há por quê. Daí que, “[n]a ultrapassagem de si, se revela pela primeira vez o abismo que o ser-ai sempre é para ele próprio, e somente por que este abismo do Ser-si-mesmo (*Abgrund des Selbstseins*) é aberto através da e na transcendência [isto é, através da e na *Selbstheit*], ele pode se tornar encoberto e invisível.” (HEIDEGGER, 1978, p. 234). Sendo um si-mesmo sem fundamento para tal, o ser-ai é encarregado de sê-lo como a sua possibilidade fundamental: “Enquanto esse ente que só pode existir como entregue ao ente que ele é, ele é, existindo, o fundamento do seu poder-ser [...]

O si-mesmo, o qual, enquanto tal, tem de colocar o fundamento de si próprio, nunca pode se apoderar deste, mas tem de, existindo, assumir ser-fundamento. Ser o próprio fundamento lançado é o poder-ser que está em jogo no cuidado.” (HEIDEGGER, 1967, p. 284) Lançado na existência, não na presença, o ser-ai já assumiu a carga de ser-fundamento da própria possibilidade abismal de ser-si-mesmo e, desde essa assunção, pode ser o si-mesmo quem ele sempre é como qualquer um pode ser (si-mesmo em sentido impróprio) ou pode ser o si-mesmo quem ele sempre é como só ele pode ser (si-mesmo próprio), se se deixa iluminar o ser-no-mundo com a luz da própria morte, a possibilidade que impossibilita todas as possibilidades por-mor-das quais existe, ou seja, se ele se compreende finito.

De fato, quem o ser-ai é, de início e na maioria das vezes, é o si-mesmo impessoal, e não é fortuito que o “horizonte *mesmidade*”, como mostra o Prof. Juan Periñán, já se abra, ainda que de maneira não temática, no mundo das ocupações, no qual o ser-ai, de início e na maioria das vezes, *não é ele mesmo*. Porém, segundo o exposto, a negatividade desse “não” não pode significar ausência de simesmidade. Por conseguinte, só posso concebê-la da forma que segue: o ente que *pode ser* si-mesmo, e para sê-lo já assumiu a carga de ser-fundamento dessa possibilidade, carrega também consigo a possibilidade e tendência de se aliviar desse peso, como já escrito, de “insustentável leveza”

– a do ser como existência, *Selbstheit*. Quer assumido com propriedade, quer assumido com impropriedade, o ser-si-mesmo reluz pleno de *positividade ontológica* em todos os caminhos práticos, poéticos, teóricos ou estéticos do meu ser-aí.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, M., **Einleitung in die Philosophie** (GA 27), Frankfurt am Main, ed. O. Saame et I. Saame-Speide, Vittorio Klostermann Verlag, 2001.

HEIDEGGER, M. **Metaphysische Anfangsgründe der Logik im Ausgang von Leibniz** (GA 26), ed. K. Held, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann Verlag, 1978.

HEIDEGGER, M. **Sein und Zeit, Tübingen**. Max Niemeyer Verlag, 1967.

